

ANO XIV

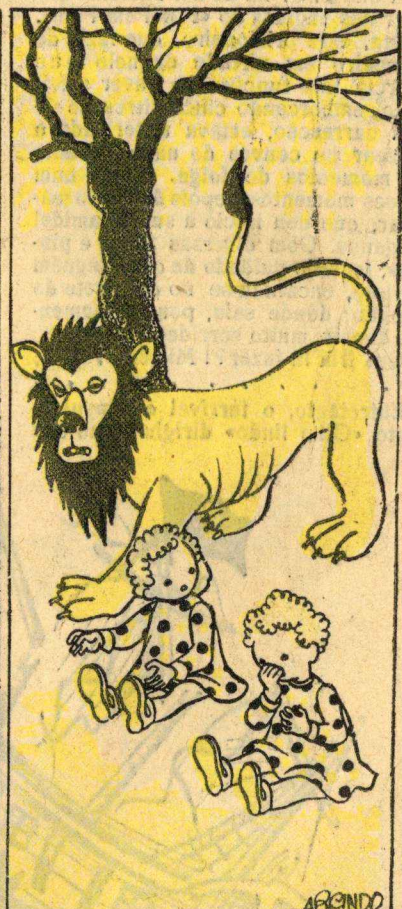
Suplemento infantil do jornal

O SEculo

N.º 704

O LEÃO DOMESTICADO

Por MARIA ARCHER



CERTO domador de feras, tinha um leão numa jaula de ferro e mostrava-o, orgulhosamente, em todos os circos da Europa. O cartaz afiançava a ferocidade do bicho. O leão era um verdadeiro leão, corpulento, forte

de peitos, e com uma juba abundante e bela, uma juba realenga.

O leão tinha nascido na jaula do domador. A mãe, uma leão doméstica, dera nascimento a um par de leõezinhos muito bonitos. O domador vendera um deles e deixara crescer o outro. Chamava-lhe *O Rei da Selva*.

No mesmo dia em que o leão nascia na jaula, nasciam, também, na casa do domador, um par de gémeos, que eram seus filhos.

O leão cresceu muito depressa e os filhos do domador cresceram muito devagar.

(Continua na página 4)

AS DESVENTURAS DO CAPITÃO MALAQUIAS

«OLHO-LINDO»

Por TAVARES PINTO



SOB a branda aragem dum lindo dia de Primavera, o barco «Piratal» singrava suavemente, em pleno mar...

— «Com um milhão de coriscos! Como hei-de eu raspar-me daqui, sendo, de mais a mais, um diabético! Nem, sequer, posso comer pão integral! Deixa estar, meu pirata «Olho lindo», que me hei-de vingar!» — isto dizia, dentro do mesmíssimo barco, um prisioneiro do capitão Malaquias, um terrível pirata que ainda há-de dar bastante que falar nas páginas do «Pim-Pam-Pum».

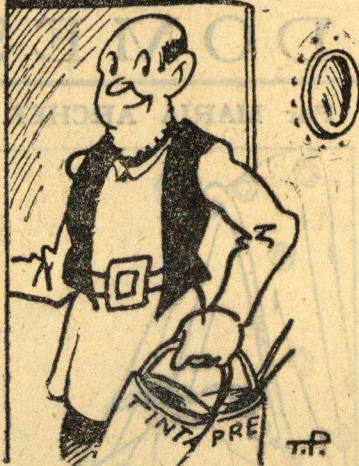
Ora, este prisioneiro que fazia de timoneiro em virtude daquele que exercia tais funções se haver suicidado, emborcando cinco litros de vinho carrascão, estava autorizado a passear no convés do navio durante os momentos de folga. E foi num desses momentos, depois de muito matutar, que deu início à sua piramidal vingança. Com diversas tintas e pincéis, tendo o cuidado de que ninguém o visse, encafuou-se no camarote do capitão, donde saíu, poucos momentos depois, muito sorridente.

Que iria lá fazer?! Mistério!

Entretanto, o terrível e sanguinolento «Olho lindo» dirigiu-se ao seu

camarote, a-fim de ir buscar o óculo para investigar, através da superfície das águas, a possível captura de mais alguma vítima. Mas, apenas o

CAMAROTE DO CAPITÃO

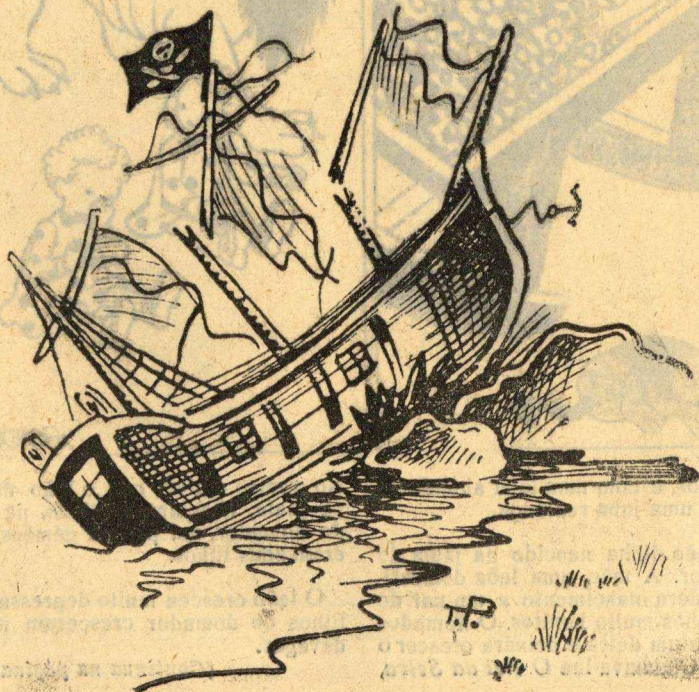


assestou, soltou um grito de terror e logo de comando: — «Um barco de guerra a estibordo! Desfraldem todas as velas!... Toca a fugir!...»

A ordem foi imediatamente cumprida.

Horas depois, com um sorriso de triunfo, olhou, novamente, na direcção do vaso de guerra mas — «oh maldição!» — lá estava êle à mesma distância. E assim, durante três dias consecutivos, o barco inimigo perseguiu o navio pirata. Sempre que o capitão Malaquias assestava o óculo, lá lhe aparecia o maldito, um pouco mais ao norte, um pouco mais ao sul, mas sempre nítido. E não se prolongou esta crítica situação, além dos três dias, porque o navio, na ânsia de fugir ao seu perseguidor, acabou por se desfazer nas costas duma terra ignorada.

É claro que todos se salvaram, inclusive o pobre prisioneiro que fugiu



para o interior, a-fim de passar a conviver com gente civilizada.

Entretanto, o Malaquias, querendo orientar-se naquela terra desconhecida e assestando novamente o óculo, ia tendo um desmaio, ao ver encarrapitado, em cima duma palmeira, o navio de guerra que o perseguira.

— «Como era possível uma coisa daquelas!?...»

E desmaiou, de facto, insofismavelmente, ao descobrir, na lente maior do seu óculo, um navio de guerra, muito bem pintadinho.

Fôra a vingança do pobre prisioneiro.

A CANTILENA DOS GANSOS

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

UMA vez, certa raposa que andava à cata de bicharia para o seu jantar, avistou, num prado, um bando de gansos muito gordos.

Calculem os meus meninos como ela ficou radiante.

— «Chucha! — exclamou a gulosa, rindo de satisfação. — Isto é que é sorte! Estes maganões andam tão juntinhos que, num rufo, lhes caio em cima.

Um a um, todos me irão parar ao bucho. Que grande banquete vou papari!».

Mas os gansos, apenas avistaram a raposa, desataram a grasnar de susto e, muito aílitos, pediram:

— «Senhora raposa, ouça a nossa voz! Tenha compaixão tenha dó de nós! Senhora raposa, mas que crueldade! Se nos come vivos... que grande maldade! Senhora raposa não seja gulosa...»

A raposa fazia ouvidos de mercador, ia-se aproximando e ia repetindo:

— «Isto tem que ser. Vão todos morrer.



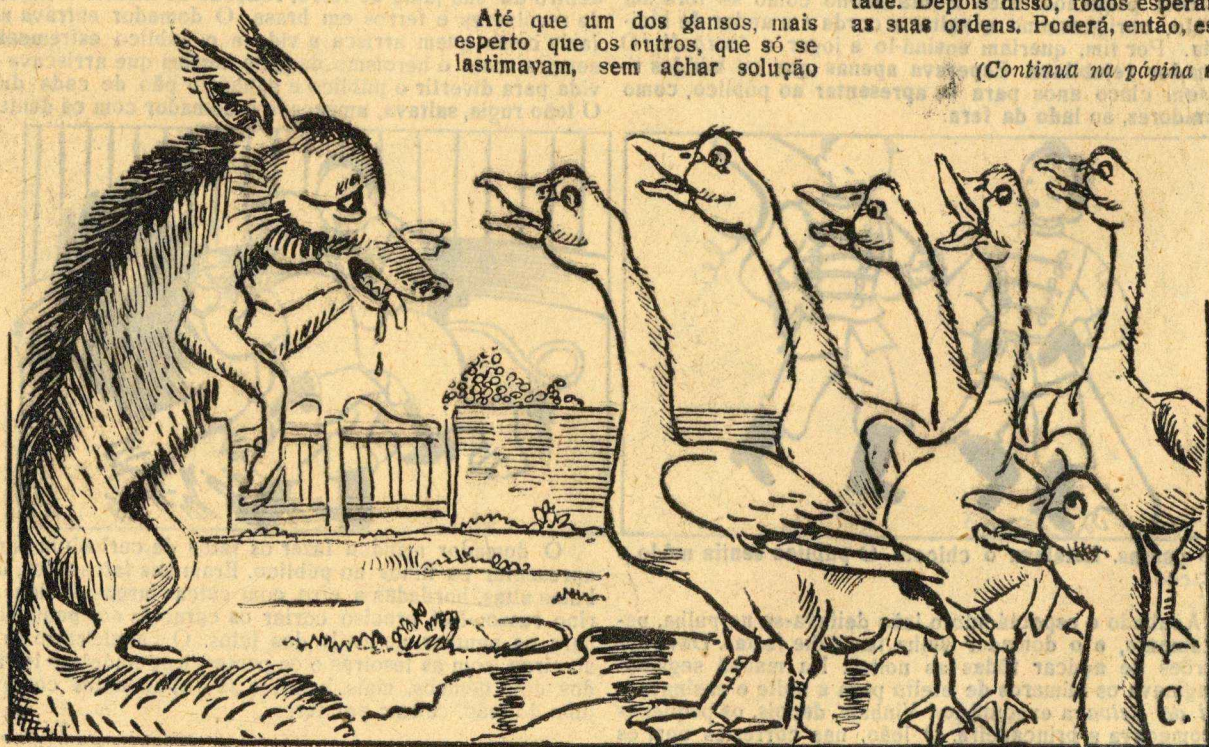
Estão anafados, muito bem criados... Eu, só de vos vêr, sinto já crescer ganas de lamber, ganas de roer... Isto tem de ser. Vão todos morrer.»

para o caso, tomou alento e falou desta maneira:

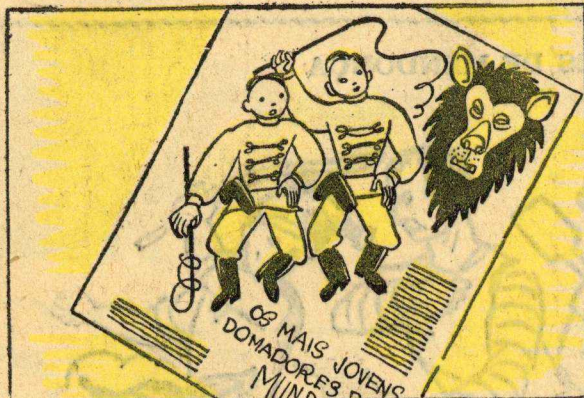
— «O comadre raposa, vocemecê deve concordar quanto nos custa a sua resolução inabalável. Ponha-se no nosso lugar. Vocemecê gostava de se ver esganada, assim, de repente? Ao menos, faça-nos uma última vontade. Depois disso, todos esperamos as suas ordens. Poderá, então, esco-

Até que um dos gansos, mais esperto que os outros, que só se lastimavam, sem achar solução

(Continua na página 6)

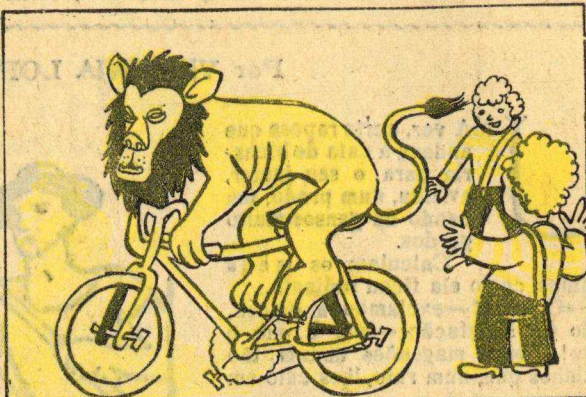


O LEÃO DOMESTICADO - (Continuado da página 1)

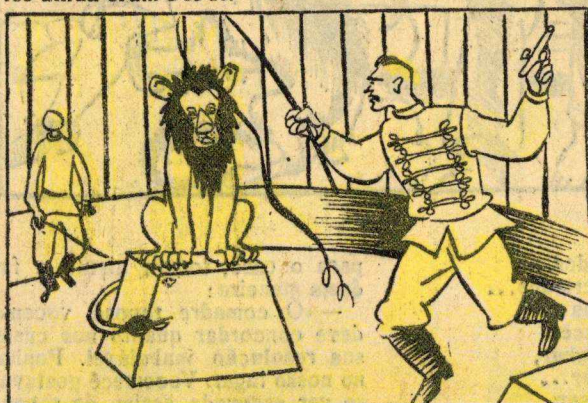


Em pequeninos, brincavam todos juntos. O leão era como um cachorrinho, com os olhos tapados, tal como os cachorrinhos e, como eles, gostava de dar cabriolas.

Os pequenos gémeos acompanhavam sempre o tratador. Quando tinham dois anos de idade, já o leão era grande e eles ainda eram bebés.



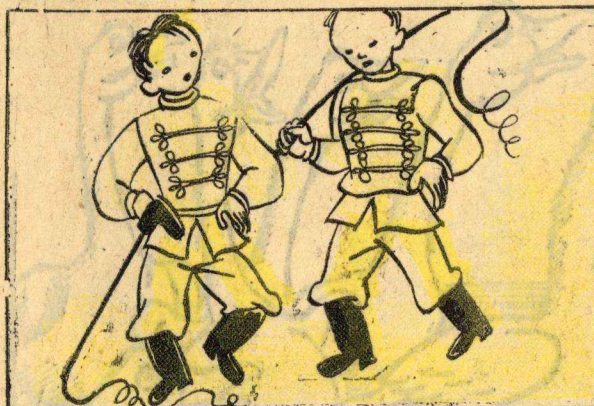
O Rei da Selva gostava de ver os seus pequenos amos e deixava-se acariciar por eles. O domador favorecia aquela intimidade, com a ideia de vir um dia a explorá-la, a péso de ouro, nos circos de todo o mundo. Seria coisa de assombrar, isto de poder apresentar os mais pequenos domadores do universo! Que cartaz!



O Rei da Selva acostumara-se a sofrer tratos de polé aos dois pequenos. Eles montavam-no como se fôra um cavalo, obrigavam-no a saltar a corda e a andar de bicicleta. Por fim, queriam ensiná-lo a jogar o football. O domador rejubilava. Esperava apenas que os miúdos tivessem cinco anos para os apresentar ao público, como domadores, ao lado da fera.

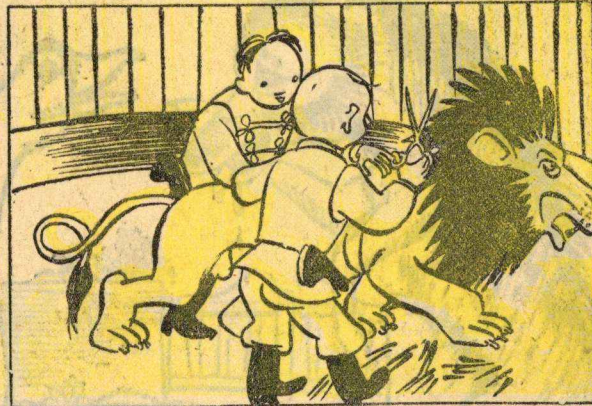


Entretanto, tôdas as noites, o leão aparecia no circo dentro da sua jaula de ferro, rodeado de laçaios armados de revólveres e ferros em brasa. O domador entrava na jaula como quem arrisca a vida e o público estremeia sempre, com o heroísmo daquele homem que arriscava a vida para divertir o público e ganhar o pão de cada dia. O leão rugia, saltava, ameaçava o domador com os dentes



e as garras. Estalava o chicote. O público sentia medo e emoção.

Acabado o espectáculo o leão deitava-se na palha, pacatamente, e o domador vinha fazer-lhe festas. Dava-lhe torrões de açúcar tôdas as noites. Na manhã seguinte imaginava os números de efeito para a noite e ensinava o Rei da Selva a executá-los. Vinham, depois, os pequenos e começava a brincadeira. O leão, nas correrias com os dois gémeos, parecia um gatinho.



O domador mandou fazer os fatos de cerimónia para apresentar os filhos ao público. Eram uns fatos ricos, de bôtas altas, bordadas a ouro, com calças largas de dançarino russo. Foi preciso cortar os caracois aos pequenos para os pentear no estilo dos fatos. O cabeleireiro veio ao circo, com as tesoiras e os pentes, e as madeixas loiras dos dois gémeos, mais belas, e tão abundantes como a juba do leão, caíram por terra.

(Continua na página 7)

CASTELOS NA AREIA

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

COM a areia molhada, o Juca, à beira mar,
 todo num sonho imerso,
 embrenhado em seu mundo,
 bem mais vasto, mais amplo e muito mais profundo
 do que êste em que se vive, o autêntico Universo,
 um castelo constrói, um castelo
 tão belo
 como nunca se viu outro castelo assim;
 pois nem mesmo, sequer, a torre de marfim,
 torre espiritual,
 dos poetas de outrora,
 quanto mais dos de agora,
 tinha um encanto igual.

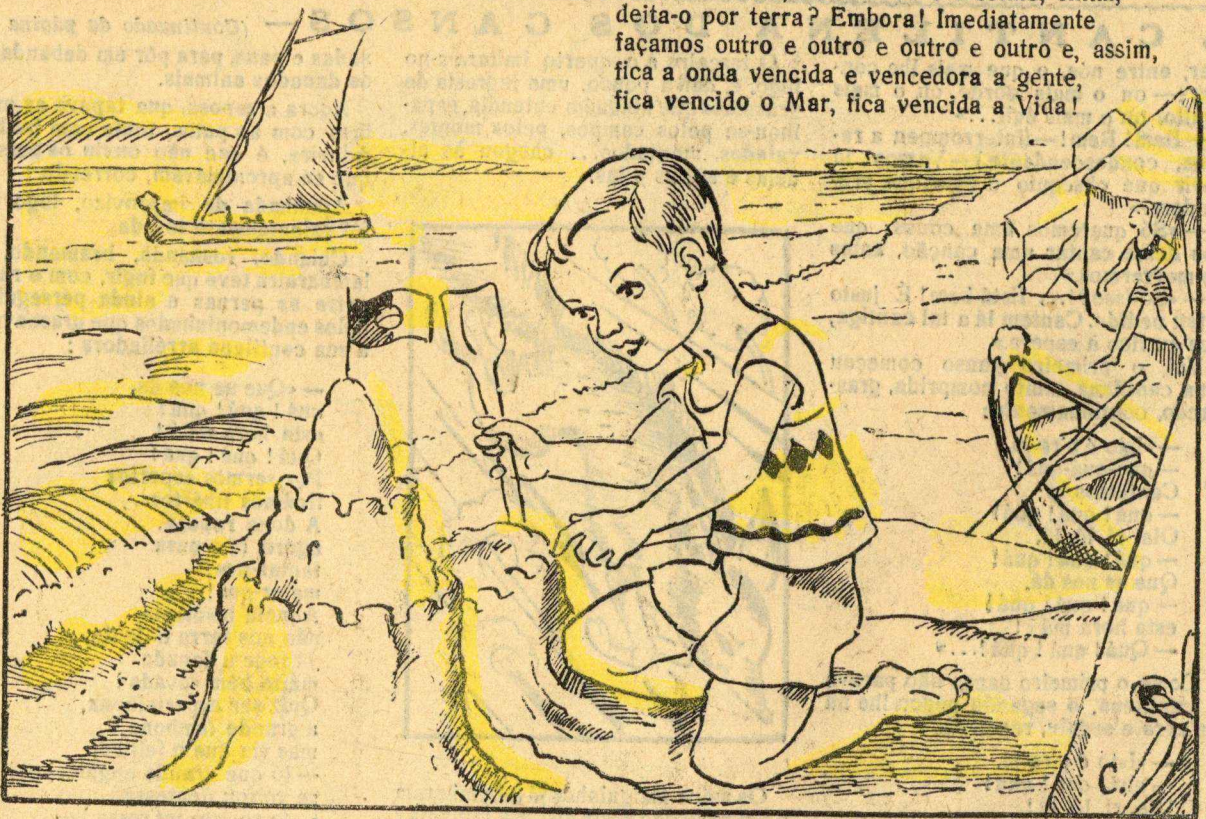
Todo entregue à tarefa, ao trabalho tão belo
 de criar, erigindo o seu grande castelo,
 o menino sorri com aquele sorriso,
 — reflexo do Paraíso —
 que o Génio fez florir na tela de Gioconda...
 Mas, nisto, rebentando em cachão, uma onda
 desfaz-se, tóda espuma, e rola, avança, invade
 a areia, destruindo
 o castelo tão belo,
 o castelo tão lindo...
 Oh, que fatalidade!

E o Juca fica a olhar
 a maldade
 do Mar,
 sem poder perceber o motivo, a razão
 porque o Mar fez aquilo.

— «Oh, isto não se faz!...
 O Mar foi um covarde, o Mar foi um poltrão,
 tão grande e eu tão pequeno! Avança, ruga e zás...
 atira-me por terra o meu Sonho!»

Entretanto,
 o Papá de Juquinha, ao vê-lo assim desfeito,
 o olhar cheio de pranto
 e o rosto contrafeito,
 diz-lhe, com muita pena: — «Ouve, meu filho, a Vida
 é tal qual êste Mar! A onda é o Destino
 e o Destino é assim: — em fúria desabrida
 e em cruel desatino,
 a tudo indiferente,
 ri dos sonhos da gente!

O que é preciso, filho, é ser-se muito forte,
 nunca desanimar;
 é preciso lutar, lutar, até à Morte!
 Faz-se um castelo, o Mar,
 o Mar da Vida, a Onda ou o Destino, enfim,
 deita-o por terra? Embora! Imediatamente
 façamos outro e outro e outro e outro e, assim,
 fica a onda vencida e vencedora a gente,
 fica vencido o Mar, fica vencida a Vida!



A NOSSA CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

Uma cabeça de cavalo

A construção de hoje constitui um engraçado brinquedo que oferecemos aos nossos pequenos leitores. A sua execução consiste,

apenas, em decalcá-la à transparência, reproduzindo o desenho à inversa, e em recortar e colar as duas partes em cartão forte. Depois ligá-la ao extremo duma cana para que fique, assim, um «cavalo duma cana».

O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS — Por ABELHA MESTRA

Minhas queridas Abelhinhas

Hoje o modelo é para as vossas irmãszinhas mais pequeninas, mas deve ser executado pelas minhas Abelhinhas mais velhas.

E sabem porquê?

Pela seguinte razão: — Porque vocês próprias melhor o podem fazer. Não lhes parece verdade?

A maneira como se corta está exemplificada no modelo dos moldes.

Com uma pequena ajuda, até elas facilmente poderão executar este trabalho.

Escolham um tecido de cores garridas e ponham-lhe, por único enfeite, um «picot» que se vende a metro e é aplicado na gola, mangas e algibeira.

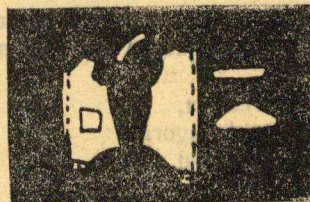
Com esta fatiota tão engraçada, que as vossas irmãszinhas mais pequenas podem vestir em seguida ao seu banho de mar, brincam absolutamente á vontade.

E, portanto, um modelo prático que é preciso não desprezar.

*

Mais dois pequenos motivos que podem servir para bordar nos vossos lencinhos ou em roupinhas pequeninas, em ponto cheio, completam hoje a nossa secção: — o Cestinho da Costura.

Vossa amiga Abelha Mestra



A CANTILENA DOS GANSOS — (Continuado da página 3)

lher, entre nós, o que mais lhe convier: — ou o mais gordo, ou o mais bonito, ou o mais ágil...»

— Bem! Bem! — (interrompeu a raposa, condescendente.) — Vamos lá ouvir que obséquio é esse que pretendem?»

— «Só queremos uma cousa: que nos deixe cantar uma canção, antes de morrermos.»

— «Só isso?!... Está bem! É justo o teu pedido. Cantem lá a tal cantiga, que eu fico à espera.»

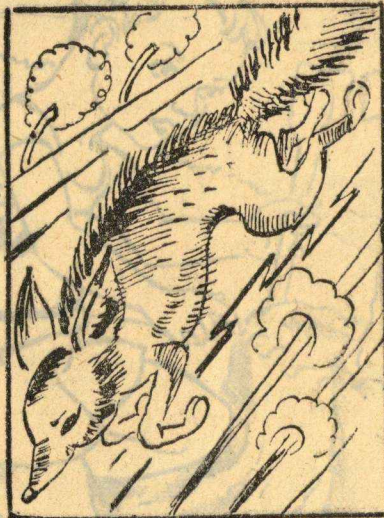
Vai, o primeiro ganso começou uma cantilena, muito comprida, grasnando, continuamente:

— «Isto é p'ra já,
— quá! quá! quá!
Cantemos lá:
— quá! quá! quá!
Ola, ri, lolá, lá,
— quá! quá! quá!
Que se nos dá,
— quá! quá! quá!
esta hora má?!
— Quá! quá! quá!...»

Como o primeiro ganso não parava a cantilena, o segundo pegou-lhe na palavra e seguiu, repetindo:

— «Isto é p'ra já,
— quá! quá! quá!
Ola, ri lolá, lá!
quá! quá! quá!
Que se nos dá,
quá! quá! quá,
esta hora má?!
Quá! quá! quá!

O terceiro e o quarto imitaram-no logo, e, dali pouco, uma ingresia de grasnidos que ninguém entendia, espalhou-se pelos campos, pelos montes, valados, montados... chegou às aldeias e até às vilas.



Os meus amiguinhos já adivinharam o fim divertido desta história reinadia? Eu lhes digo...

Osgansos continuaram naquele grasnar infernal que fez correr toda a gente dos campos com foices, en-

xadas e paus, para pôr em debandada os danados animais.

Agora a raposa, que tapava as orelhas com as patas, tonta com tal barulheira, é que não ouviu os passos que se aproximavam, correndo.

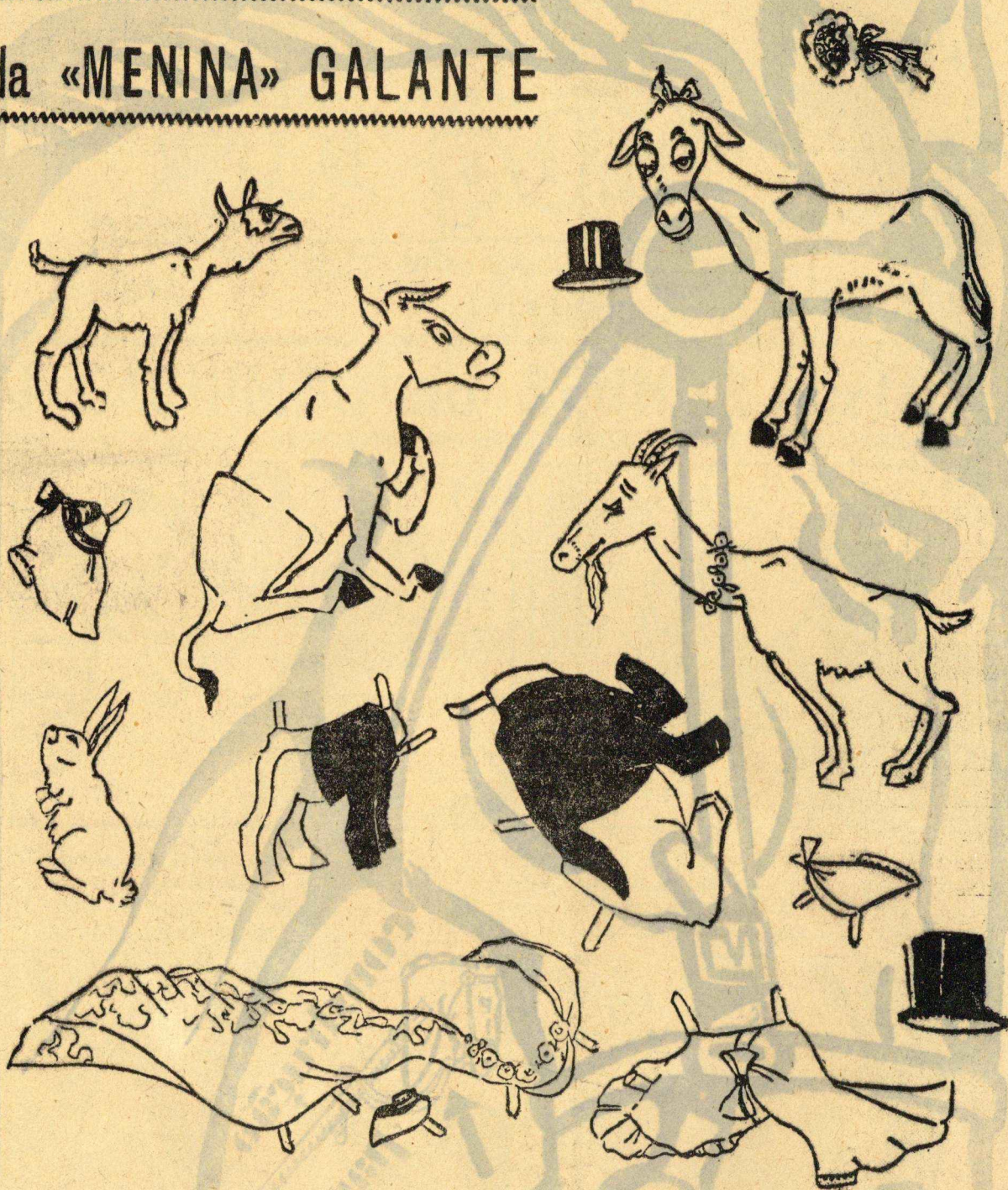
Apanhada de improviso, logo ali foi valentemente tosada.

Chiando, rosando, bramando, a lambareira teve que fugir, com o rabo entre as pernas e ainda perseguida pelos endemoninhados que grasnavam a sua cantilena arrelhiadora:

— «Que se nos dá,
quá! quá! quá!
esta hora má?!
Quá! quá! quá!
Por sermos espertos
ficámos libertos.
A dona raposa,
agora, não ousa
tentar-nos,
matar-nos!
Aquela insolente
não nos ferra o dente.
Já foge a danada
muito bem sovada!
Quiz ser espertalhona,
a grande lambona,
mas viu que o feitico,
— (ó que grande enguiço) —
se voltou depressa,
— (e só isto int'ressa,) —
contra o feiticeiro
que, muito matreiro,
nos vinha filar
para nos papar.

O CASAMENTO

da «MENINA» GALANTE



Eis aqui um novo entretenimento para os leitorzinhos do «Pim-Pam-Pum».
 Colai, numa folha de cartolina, as personagens acima e a respectiva indumentária. Recortai-os em seguida e colori-os. Depois, diverti-vos a vesti-los com os respectivos trajos de gala, visto que se trata dum solene casamento.

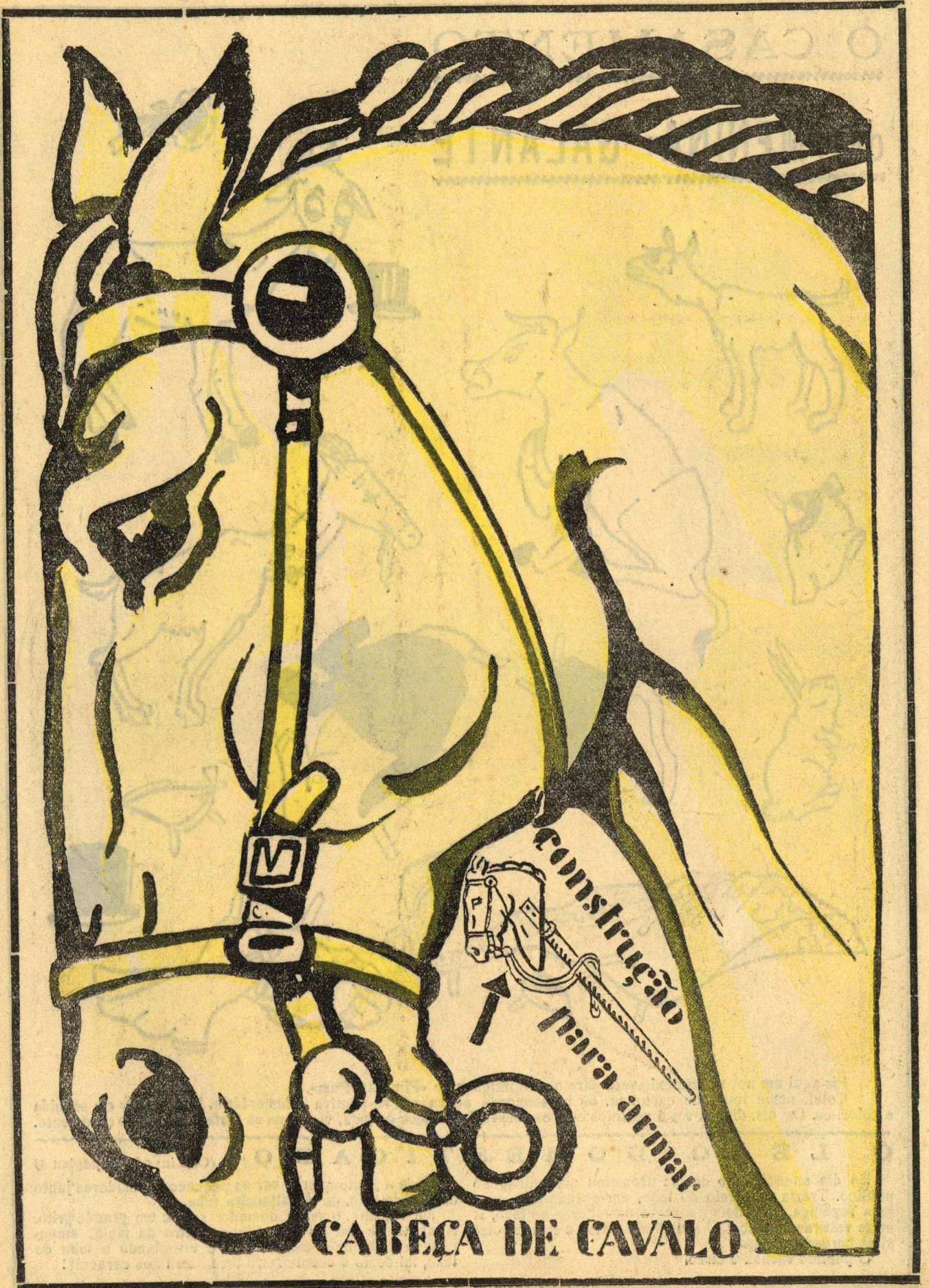
O LEÃO DOMESTICADO — (Continuado da página 4)

No dia anunciado o cartaz prometeu maravilhas ao público. Trazia o retrato do leão, um grande leão, com juba realenga, e os dois pequenos domadores ao lado. À noite vestiram-nos com os seus lindos fatos, e com as botas altas bordadas a oiro.

O público encheu o circo.

Tôda a gente queria ver os pequenos domadores junto do grande leão, de tão altaneira juba.

De repente, o velho domador soltou um grande grito. Acabava de ver os seus filhos dentro da jaula, empunhando cada qual uma tesoura e tosquiando a juba do leão, tal como o cabeleireiro lhes fizera aos caracóis!



construção
para armar

CABECA DE CAVALO